

O Diário de Guarulhos

8/7/1973

Notação: caixa 20

Estado: Bom

O DIARIO DE GUARULHOS

ANO XII — Diretor VERO DE LIMA

Guarulhos 6 de julho de 1973 - 6.a feira

Nº 2423

BASE AEREA DE CUMBICA

Cel. Av. PAULO HENRIQUE CARNEIRO DO AMARANTE - O Novo Comandante

Em solenidade que durou exatamente uma hora, a Base Aérea de São Paulo sediada em Cumbica, realizou as nove horas a mudança de comando.

A abertura foi feita com a leitura da ordem do dia do coronel Adeéle Migon, que deixou o comando, e do coronel aviador Paulo Henrique Carneiro do Amarante.

A seguir os dois oficiais maiores passaram em revista as tropas formadas, sob a observação do brigadeiro Schneider, do comando Aéreo-tático.

Ao deixar o comando da BASP o coronel Adeéle Migon disse entre outras coisas: "Cumprimos o nosso dever com assistência divina, bem como pela cooperação irrestrita dos nossos subordinados".

E prosseguiu: "Agora, entrego o comando da BASE com tristeza por me separar de bons companheiros, agradecido pela cooperação irrestrita que nos deram e a todos pedimos que nos revelem os momentos de incompreensão ou trato aspero que porventura tenhamos tido".

ORDEM DO DIA

Há quase tres anos, pela segunda vez em nossa carreira militar, vimos servir em Cumbica, assumindo a Chefia do Estado Maior da Primeira Força Aerotática. Aceitamos o convite do Exmo Sr. Brig. HIPPOLYTO, deixando o cargo de Subdiretor de Registro e Controle, função de Oficial General, que ocupavamos, objetivando prestar nossos serviços na FORÇA propriamente dita, na área do Comando Geral do Ar, atividade fim do Ministério da Aeronautica.

Após um ano e um mes naquela Força fomos honrados pelo Exmo Sr. Ministro que nos nomeou Comandante da Base Aérea de São Paulo, em 5 de outubro de 1971. Foi a realização de um sonho que só a nós era dado conhecer.

Ao assumirmos o Comando desta Base nos propusemos a envidar o maximo de esforços para não desmerecer a confiança em nós depositada pelo Exmo. Sr. Ministro e pelos Exmo. Sr. Comandante do Comando Geral do Ar, do Comando Aerotático e da Primeira Força Aerotática. Damos Graças a Deus por nos ter dado forças e nos haver propiciado a imprescindível cooperação dos oficiais, sub-oficiais, sargentos, cabos, taifeiros, soldados e civis do efetivo da Base Aérea de São Paulo, sem o que nada seria possível realizar, para que nesta data pudessemos, de cabeça erguida, numa auto-

Ao assumir, o coronel Carneiro disse entre outras palavras: "Ao coronel Migon, que temos a satisfação de substituir, o qual soube manter o padrão e eficiencia desta unidade para a Força Aérea, desejamos sucesso e muitas felicidades na nova função".

A Base Aérea recebeu centenas de convidados especiais, no setor militar, com representantes do Exército e das forças auxiliares e um sem numero de autoridades civis do município e do Estado, destacando-se o representante do governador Laudo Natel, major Antonio Nogueira Cezar, o secretario do Trabalho, sr. Ciro Albuquerque, o prefeito municipal Waldomiro Pompeo, o presidente da Camara, dr. Mario Antonelli, vereadores e convidados especiais no campo civil.

A banda da BASP executou, ao final de solenidade, o hino nacional brasileiro.

O coronel Adeéle Migon deverá assumir, com data ainda não conhecida da imprensa, o cargo de adido militar no vizinho país, o Paraguai.

critica, desprezenciosa, mas honesta, clamar que estamos felizes e convictos de haver-mos cumprido integralmente o nosso DEVER.

Cumprimos sim, repetimos, com a assistência divina bem como pela irrestrita cooperação de nossos subordinados, de nossos comandantes e das autoridades civis e militares da área da 4.a Zona Aérea. Mantivemos estreitos laços funcionais e de amizade com os companheiros do Exército, Marinha e Polícia Militar do Estado de São Paulo objetivando integração e soma de esforços no combate aos inimigos ocultos da Patria e manutenção da Segurança Interna para que com Ordem e Progresso possamos alcançar o Bem estar social tão necessario a familia brasileira.

Este bem estar só será possível com o Desenvolvimento Economico Social perseguido pelos Governos da Revolução e tem por alicerce, entre outars-metas, a elevação do nivel educacional e de saude de nossa gente; a manutenção da ordem através policiamento eficaz e desenvolvimento do senso de disciplina crescimento racional de nosso Parque Industrial e implantação de uma Agricultura Tecnicamente planejada a par de um desenvolvimento técnico-científico de pesquisa e produção.

Tudo isto, queiram ou não os revoltados, vem sendo a tonica dos Governos deste País desde 1964 e em consequencia é inegavel o que o mundo inteiro observa estarecido — O MILAGRE BRASILEIRO.

Disciplina, segurança e operacionalidade compuseram a coluna mestra do nosso Comando e por isso, a nossa Unidade foi sempre atuante e esteve alerta e pronta para o real cumprimento de sua missão especifica — VOAR E COMBATER.

A Reforma Administrativa é Lei e se impõe a todos os bem intencionados e inteligentes - não poderiamos de modo algum desconsidera-la. Buscamos desburocratizar ao maximo os entendimentos entre Base e Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da Aeronautica, Organizações que vivem dentro de Cumbica pertencendo a Comandos diferentes e acreditamos que nossos relacionamentos foram, alem do preconizado pelos frios regulamentos, baseados no calor da amizade e do companheirismo com apoios irrestritos de parte a parte; o mesmo tendo ocorrido com respeito ao 4º Esquadrão de Transporte Aéreo. Entre Base e Unidades Aéreas falam melhor totais de horas de vôo realizadas e o rendimento apresentado na qualificação dos pilotos e aeronavegantes. Apesar das deficiencias em pessoal, quer da Base quer das proprias Unidades Aéreas, os programas foram cumpridos em sua plenitude no ano de 1971 e a situação em julho de 1972 nos permite estimar que este ano também serão cumpridos integralmente.

Agora entrego o Comando da Base, com tristeza por me separar de bons companheiros, agradecido pela cooperação irrestrita que nos deram e a todos pedimos que nos relevem os momentos de incompreensão ou de trato aspero que porventura tenhamos tido. Estejam certos que agimos sempre com lealdade e dedicação e que procuramos trilhar com firmeza e urbanidade no proposito definido de sempre fazer justiça - esperamos não lhes ter desapontado. Resta-nos a satisfação e a honra de entregar este Comando ao Coronel Aviador PAULO HENRIQUE CARNEIRO DO AMARANTE, velho companheiro no Campo dos Afonsos e em Barbacena, com tranquilidade, por sabermos deixa-lo sob a Chefia de um militar exemplar, culto e capaz, eminentemente empreendedor que com toda a certeza, será um novo alento e projetará cada vez mais alto o bom nome da Base Aérea de São Paulo, no seio da Força Aérea Brasileira.

(O Reporter)

**OS ARTIGOS DE CARATER
POLITICO SAO ASSINADOS
PARA DEFINIR
RESPONSABILIDADES**

Prefeito Planeja Energia Elétrica Para o Futuro Distrito Industrial

GUARULHOS — Cerca de 5 quilômetros do Rio Baquirivu já foram retificados pela equipe do Departamento de Obras da Prefeitura. A obra total, que compreenderá a retificação de aproximadamente 16 quilômetros, deverá estar concluída até dezembro próximo.

Ao tomar essa iniciativa, o prefeito Waldomiro Pompeo explicou que seu objetivo, além do saneamento e da prevenção de crônicas enchentes, nas áreas atravessadas pelo rio, é o aproveitamento de suas duas margens para instalar um novo Distrito Industrial no município.

E uma das providências essenciais para tanto é o planejamento da extensão da rede elétrica. Esse foi o tema da reunião do prefeito com o administrador da Area III da Light, dr. Arnaldo Osse. O diretor da empresa solicitou mapas indicando a área retificada e acentuou que, tão logo as indústrias se manifestem, poderá fornecer a eletricidade necessária.

Participaram da reunião os diretores dos Departamentos de Obras, engenheiro Carlos Henrique Hungria Cecci; Serviços Públicos, sr. Nereu Kratze Programação e Planejamento, engenheiro Wilson Mario Scanavacca; o superintendente do SAAE, dr. Haroldo do Amaral Dick, e o chefe da Seção de Energia Elétrica, sr. Sylvio Barbosa Junior.

Acompanharam o dr. Arnaldo Osse dois assessores: o chefe do Departamento da Area III, sr. Durval F. Paiva, e o agente da empresa em Guarulhos, sr. Fiore Scogna.

Segundo um levantamento feito pela Light em dezembro de 1972, Guarulhos tem cerca de 1.200 postes instalados nas pistas como constante ameaça de acidentes. Para a retirada desses postes, o dr. Osse acrescentou que sua empresa dará à Prefeitura um atendimento de emergência, como o convenio mantido com o Metrô, na capital.

O prefeito e seu chefe do Gabinete, dr. Heitor Mauricio de Oliveira, acertaram os detalhes de uma visita dos técnicos municipais às instalações da Light na Area III, para intensificar os estudos que facilitem a extensão de energia elétrica ao futuro Distrito Industrial.

GDB

Documentos Perdidos

Para os devidos fins, declara-se que se encontram extraviados o talão de Notas de Prestação de Serviços de nº 001 a 050, da firma LEVI RODRIGUES bem como o livro de Prestação de Serviços nº 01 da mesma firma. Pode-se entregar os referidos documentos, caso sejam encontrados, na TRAVESSA GOPOUVA, 9-A — Guarulhos.

O Diário de Guarulhos 6-7-73

Receitas



Maria Silveira, escreve

Gelatina Royal tem muita proteína, importantíssima para o desenvolvimento das crianças. E além disso contem Vitamina "C".

Como estamos no verão, vamos ver o que podemos fazer com a Gelatina Royal em variações deliciosas?

GELATINA PRIMAVERA

Ingredientes (para 8 a 10 porções)

- 1 Pacote de Gelatina Royal sabor Limão
- 1 Pacote de Gelatina Royal sabor Morango
- 1 Pacote de Chantilly Royal
Técnica de Preparo
- 1 — Prepare a Gelatina Sabor Limão de acordo com as instruções da embalagem.
- 2 — Distribua em taças a metade da gelatina. Leve à geladeira até ficar firme.
- 3 — Bata o Chantilly de acordo com as instruções da embalagem. Divida ao meio.
- 4 — Misture a gelatina de limão que restou à metade do Chantilly. Bata bem e distribua sobre a gelatina das taças. Leve outra vez à geladeira.
- 5 — Prepare a gelatina sabor morango de acordo com as instruções da embalagem, deixe esfriar. Misture ao Chantilly restante e bata bem.
- 6 — Coloque sobre a gelatina das taças até enche-las. Decore à gosto.

Estímulo á Qualificação da Mão - de - Obra

GUARULHOS — Diversos cursos de qualificação de mão-de-obra serão realizados, conforme convenios entre o Serviço de Promoção Social do Departamento de Higiene e Saúde da Prefeitura e o Centro de Aprendizado Domestico do Sesi.

Explica o diretor do DHS, dr. José Sergio Iglésias, que esses cursos procuram desenvolver uma assistência social de grupo, proposta pelo prefeito Waldomiro Pompeo, em substituição aos esquemas de atendimento a casos isolados.

O primeiro é o curso especial de empregadas domesticas, que começará em 20 de agosto e terminará em 22 de outubro proximos. Segundas, terças e quintas-feiras serão os dias de aulas, entre as 15 e as 17 horas, no Centro de Aprendizado Domestico numero 20 do Sesi, Rua Francisco de Paula Santana, numero 2, ao lado do Corpo de Bombeiros.

As inscrições estão abertas a partir de hoje, no Serviço de Promoção Social: Rua Luis Faccini, 130, ao lado do Pronto Socorro Municipal. Após esse, já existem planos para cursos de pintores, pedreiros e outros profissionais.

Todos os cursos são inteiramente gratis e o das domesticas inclui aulas de arte culinaria, higiene e saúde, noções de enfermagem, relações humanas e previdencia social, entre outras.

GDB

A Revolução Brasileira

Desde que me conheço por gente, como costuma dizer o caboclo, venho lutando pela causa da Revolução Brasileira. Luta intelectual feita de sacrificios e de abnegações. Apesar disso, jamais tomei parte em movimentos armados. Logo, não tenho sobre minha cabeça pesando o sangue de nenhum brasileiro. Mãe, viuva, noiva, irmã alguma podem me condenar por lhes ter assassinado o filho, o esposo, o noivo, o irmão. Nem nunca instiguei os homens a pegarem em armas ou matarem brasileiros pelas mãos de brasileiros, fosse em nome de que causa fosse. Para mim é mais preciosa uma gota de sangue correndo nas veias de um brasileiro patriota e esclarecido, disposto a servir o Brasil desinteressadamente, do que um lago de sangue correndo nas veias de brasileiros apaixonados, bairristas e com interesses vinculados a grupos economicos ou ideologicos.

A este respeito eu tenho minha filosofia propria... Considero o Homem uma propriedade de Deus. Não distingo nenhum brasileiro de outro brasileiro ao se tratar de direito à vida e a dignidade. Acredito na Revolução Brasileira sem privilégios de grupos, de regiões ou honrarias politicas, sociais e economicas. Todos trabalhando para um Brasil maior, cada qual segundo sua capacidade e inteligencia, elevando o conceito da nacionalidade pela dignificação do Homem brasileiro, eis meu lema...

Mas nem todos pensam e agem dessa forma. Principalmente na fauna politica e da imprensa escrita, falada e televisionada. Ha jornais mercenarios que vivem sabotando o Espirito Revolucionario, visando interesses materiais de grupos, de regiões ou de ideologias. Essa imprensa mercenaria é responsavel pelas insurreições sociais periodicas e pela matança de brasileiros pelas mãos de brasileiros, ponho sempre seu poder a serviço da deturpação da opinião publica, inflamando-a até sua completa deterioração. São inimigos natos da Revolução Brasileira. Eles não compreendem nem podem acreditar que os DEZOITO DO FORTE saíram da sua trincheira para dar vida ao Brasil e aos brasileiros e jamais morte.

(Edição de 2-7-73)

Como se Fosse em Guerra...

Amazonia é a potencia do futuro. Em todos os sentidos que signifiquem pujança. Mau grado os pessimistas e os derrotistas... Existe em S. Paulo um jornal repolhudo de estilo "morde e sopra" que vez ou outra procura vencer seus leitores de que não vale o sacrificio que o Governo Revolucionario faz para desbrava-la. Num artigo que esse jornalão publicou ha questão de uma semana descreveu Amazonia como fadada a converter-se em uma região arida, assim que a civilização chegar até lá. Pois foi justamente isso que afirmou o vovô "Estadão".

Os redatores eruditos do jornal dos Mesquita determinaram que o solo da Amazonia não se presta para nada. Mas não explicaram, nem resolvem explicar, a razão por que o mundo inteiro o cobiça. É assim o estilo do "Estadão". É preciso que o leitor advinhe o que a direção dele visa quando deita sabedoria e reduz os assuntos que explora a termos de dupla interpretação. Ora, se o mundo cobiça a Amazonia é por que ela vale muito. Pois uma coisa que não tenha valor ninguem a cobiça. Ou não é assim?

O fato é que estamos na hora de cada brasileiro pôr a mão na consciencia e livre de complexos e de interesses particulares pensar na sorte do Brasil. Deve cada brasileiro se convencer de que a Nação está empenhada numa guerra. Guerra total. Guerra de desenvolvimento, de integração nacional, de defesa contra inimigos de dentro e de fora; guerra de moralização política, economica, administrativa. Sobretudo de ver e aceitar a situação como se realmente estivesse em guerra com o mundo, com a vida e com o destino, disposto a vencer sem medir sacrificios. É a disposição moral que o Brasil de hoje exige de cada um de seus filhos. O tempo do egoismo, da felonía e do cinismo já passou e não mais se justifica. Menos ainda na imprensa.

(Edição de 3-7-73)

Disparidade

O Marechal Juarez Tavora é um revolucionario autentico. Alem de autentico acordado e serenamente realista (hoje). Mas já foi um revolucionario inflamado nos tempos passados. Como nós outros, por exemplo... Ele acredita nos politicos e na imprensa moderna. Para nós a imprensa é uma industria e a politica é a arte de fazer cartaz para o individuo galgar posições. Salvo valiosas exceções naturalmente.

Nas entrevistas que o Marechal concede à imprensa encarece a necessidade de os brasileiros facilitarem a solução dos problemas que afetam o País, através do dialogo. Nós também pensamos como ele. Acontece porem que o Brasil não possui imprensa. Isso que está aí, como dissemos acima, é uma industria concentrada nas cidades e sustentada pelas agencias com materias pagas para vender mercadorias e auferir lucros. Os dialogos, assim, rezam

pela cartilha do poder economico que é quem paga aqueles que escolhe para dialogarem em seu nome. A prova é que o interior que produz a riqueza do País, por falta de apoio, não possui imprensa e por essa razão não toma parte nos dialogos, nem pode.

Se o marechal Juarez Tavora acha que a solução dos problemas do Brasil se obtém melhor pelo dialogo, admite sem querer que só podem dialogar as vozes que falam nas capitais e grandes centros, uma vez que o Interior não possui voz. A realidade brasileira até ao advento da Revolução de 31 de Março de 1964 resumia-se nisto: A cidade contra o campo. Este trabalhava e produzia com suor e sangue e aquela açambarcava a produção, locupletava-se com os lucros, construía arranha-céus, multiplicava seus vicios, suas corrupções, as dissoluções de costumes, os crimes. E a politica e a imprensa ajudavam a corromper e a semear o caos mais ainda, enquanto o campo se esgotava de trabalhar e de sofrer. Gostariamos de saber em que país do mundo civilizado tamanha disparidade se dá. Quanto ao continuismo, ele não existe. Melhor, existe o indispensavel e existirá até que se formem as novas gerações à altura de dirigirem o Brasil que se agiganta graças à Revolução.

(Edição de 5-7-73)

Jornalismo

Ha um movimento geral na classe jornalística contra a invasão do campo profissional pelos amadores e os aventureiros. Os jornalistas profissionais sentem-se lesados face a concorrência abusiva e desleal. Os protestos dos plunitivos de tarimba chegam a ecoar nos ministerios e nos altos escalões do regime em vigor. Pleiteia-se medida legal de modo a proteger o exercicio da profissão. E não é para menos nem sem tempo.

O jornalista profissional encontra-se na mesma situação em que se encontravam os dentistas, os contadores, os farmaceuticos antes da instituição das normas e leis que protegem o exercicio de suas respectivas profissões. Hoje, aqueles que se atrevem a fazer-lhes concorrências são considerados charlatães e assim processados. Em relação à profissão jornalística, não só inexistente proteção, como, também, é franqueada essa atividade social a qualquer pessoa.

Mas de quem a culpa? Certamente da propria classe. A começar pelos órgãos e as entidades que a representam. Eles conferem matriculas quase que indiscriminadamente. Os departamentos oficiais fazem o resto: registram jornais e dão patentes às pessoas não jornalistas. Por sua vez as autoridades policiais deixam de usar de rigor para com os intrusos na profissão. Assim, qualquer individuo pode exercer-la, mesmo que seja de outro officio.

Quanto ao resultado, é isso que está aí: uma profissão socialmente avacalhada. O povo não leva a serio. E cada vez mais a considera um peso morto. E de um modo geral só se interessa, quando os jornais lhe exibem farta clichéria e materias sensacio-

nalistas, fofocas sociais e politicas, e noticias de crimes, de desastres, de escandalos. A causa: É o que relatamos acima. O jornal virou uma industria, um comercio, um meio dos homens satisfazerem suas vaidades e interesses pessoais. Em suma, como dissemos: é uma profissão sem proteção, uma profissão que qualquer pessoa pode exercer bastando saber rabiscar frases feitas e lugares comuns. Uma profissão às portas da desmoralização total. E não tem remedio. Porque a imprensa está nas mãos das agencias de publicidade e dos chefes de relações publicas do empresariado. Para elas e eles o jornal deve ser bem empêtecado, bastantes paginas, se não não é jornal, já que o auditorio prefere o prazer visual ao da leitura. Esta a teoria dos monopolistas das comunicações.

VERO DE LIMA



PREFEITURA MUNICIPAL DE GUARULHOS

GABINETE DO PREFEITO

O CIDADÃO WALDOMIRO POMPEO, prefeito Municipal de Guarulhos, no uso de suas atribuições legais, faz publico para os devidos fins os atos praticados pelo Executivo Municipal.

Decreto N.º 4213

de 6 de julho de 1973

"Ponto Facultativo"

O CIDADÃO WALDOMIRO POMPEO, PREFEITO MUNICIPAL DE GUARULHOS, no uso de suas atribuições legais,

DECRETA:

Artigo Unico — Será considerado facultativo o ponto, nas repartições publicas municipais, com exceção dos serviços que por sua natureza não podem sofrer interrupções, no proximo dia 9 de julho (segunda-feira) quando se comemora mais uma passagem da REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA de 1932.

Guarulhos 6 de julho de 1973

Waldomiro Pompeo
Prefeito Municipal

Heitor Mauricio de Oliveira
Chefe de Gabinete

Preço do Exemplar
Cr\$ 0,30

UM CONTO DO CARNAVAL

A PEDIDO

Conto de Vero de Lima

Até hoje não sei se meu amigo Pereira inventou a história ou se realmente aconteceu com ele conforme asseverou-nos. Estávamos comentando o Carnaval brasileiro e, até certo ponto, fazendo censura aos excessos com que nosso povo, principalmente o carioca, se entrega a esses festejos tradicionais. Eramos três, eu, meu amigo Pereira e seu primo Onofre. A certa altura a conversa enveredou pelo terreno dos acontecimentos fantásticos, e o Pereira se pôs a narrar-nos esta história arrepiante:

— Eu morava no Flamengo, disse ele, dando início à sua história — Ia diariamente à praia encontrar-me com uma jovem de minhas relações, filha de um abastado negociante luso. A hora determinada, lá estava ela a minha espera. E punhamo-nos a passear e a palestrar longamente. Não posso afirmar que esses encontros tivessem caráter de compromisso. Não tinham eram de simples amiguinhos, como se costuma dizer nas relações sociais. Ela era bonita e simpática, mas possuía um ar reservado e as suas palavras se revestiam de tal circunspeção que eu nunca ousei falar-lhe de amor e nem ela me deu demonstração de que se interessava pela minha pessoa nesse sentido. Falávamos de tudo: dos filmes que havíamos assistido, das peças que mais nos agradavam, da música de nossa predileção, das viagens empreendidas, dos fatos que havíamos presenciado em nossa vida e cuja impressão agradável ou chocante ainda estivessemos guardando.

Uma tarde referindo-se ao carnaval carioca, ela contou-me uma estória que me garantiu ser verdadeira. Antes, porém, me conta-la a vocês, seja-me permitido apresentar-lhes a autora em rápidos traços: Chamava-se Maria das Dores, e na ocasião em que a conheci contava uns vinte e três anos de idade. Era alta, elegante, tez morena, olhos negros e misteriosamente vivos. Da mesma cor era seu cabelo que ela conservava comprido, habitualmente enrolado sobre a nuca. Quanto à voz, eu a comparava ao prurido das ondas quando o mar está calmo e apenas bole e acaricia a areia da praia, na escuridão da noite.

— Mas vamos à estória, dissemo-lhe eu e Onofre, a uma voz.

— Vamos pois, retorquiu o Pereira. E prosseguiu — “Tinha dezoito anos (disse Maria das Dores), quando minha mãe faleceu. Sentindo-me inconsolável com a dolorosa perda, meu pai quis enfrentar a viuvez a seu modo. Vendeu a casa em que vivíamos e resolveu morar em pensões. Não tinhamos parentes e senão eu, filha única, toda a sua atenção se concentrou em mim, cumulando-me de carinhos para me ver cada vez mais feliz”...

— Maria das Dores fez uma pausa. Sentiu que ela hesitava. Animei-a com a minha palavra. Fiz-lhe ver que sua estória me agradava muito e que tinha um jeito especial de narrar que sabia cativar o ouvinte.

— “Não me recuso a contar o resto respondeu-me, é que o desfecho é tão fantástico que irá duvidar da minha sinceridade”.

— Afirmei-lhe que todas as histórias, mesmo as verdadeiras não deixam de apre-

sentar esse aspecto estranho. Mas tinha confiança nela e para mim era como uma irmã. Ela sorriu e continuou a narração:

— “Mudamos para uma pensão familiar num bairro tranquilo do Rio de Janeiro. Digo familiar, porque realmente lá existia apenas uma família que era a do proprietário. A situação econômica precária havia obrigado seu chefe a transformar seu lar em pensão. E eu e meu pai eramos os primeiros pensionistas. Não me foi fácil acostumar, assim mesmo, à nova vida. Sentia-me um tanto presa. E, por que não confessá-lo? um tanto importunada com a atitude de um velho, aposentado irmão do proprietário que era paralisado. Ele ficava o dia todo a um canto da sala fumando na sua cadeira de balanço... Fumando e me baquerando furtivamente. Não tirava os olhos de mim. Acompanhava com o olhar todos os meus movimentos. Era um olhar penetrante, irreverente. E por isso me foi causando tal revolta íntima que resolvi aparecer o menos possível na sala.”

— Garanto que isso fez com que seu pai procurasse outra pensão, disse-lhe eu.

— “Não. Meu pai de nada soube. Estávamos na semana do Carnaval. Eu, então, adorava o Carnaval, sobretudo os bailes. Meu pai, como sempre fazia-me todas as vontades. Comprou-me uma linda fantasia Vesti-a. E quando ia sair à noite para ir ao baile, o velho entravado chamou-me. Era pela primeira vez que ele falava comigo. Tinha uma voz tão triste e tão gentil ao mesmo tempo que não pude deixar de prestar-lhe atenção. Aproximei-me de sua cadeira para ver o que queria de mim. Ele pegou na minha mão e se pôs a contemplar-me demoradamente. Depois contou-me sua história. Uma história vulgar de homem que levará a vida divertindo-se e que só compreendera a existência pelo seu lado alegre. Disse-me que tinha sido o homem mais farrista da cidade. Boêmio incorrigível. Adorava o Carnaval e os bailes com devoção jamais excedida. E agora que não passava de um inválido, lembrava-se do passado com saudades de partir-lhe o coração.

Confesso, amigo Pereira, que fiquei penalizada com o estado do velhinho. Mas, em tempo de Carnaval o sentimentalismo é o que menos poderia acometer uma jovem foliã como eu. Deixei-o à sua sorte e fui dançar... Lembro-me bem daquele seu olhar profundo, misterioso, seguindo meus passos até a porta de saída.

Sai para a rua. O povo delirava. Nos salões do clube, impregnados de eter, os foliões dançavam e pulavam ao som de um jazz ensurdecedor. E eu me sentia ébria com a cabeça leve como uma ventoinha. Alguém segurou-me pela minha cintura, pondo-se a rodopiar comigo no salão. Era um cavalheiro elegante, alto e esguio. Trazia uma esquisita máscara cobrindo-lhe inteiramente o rosto. Pulamos e sambamos sem parar. E quanto mais dançava com ele mais me sentia arrebatada pela sua elegância.

Quantas horas durou isso, não posso precisar. Alta noite, porém, senti necessidade de ar puro. Saimos para o terraço. Foi então que notei um fato que até aque-

le momento a música e a algazarra do salão me haviam impedido de perceber: meu cavalheiro não falava; era mudo. Dirigi-lhe a palavra como a certificar-me. Não obtive resposta. Nem um murmúrio. Seus lábios movimentavam-se por sob a máscara, numa tentativa inútil de articular uma resposta. Mas a voz parecia sufocar-se-lhe na garganta. Isso me impressionou profundamente. Senti-me dominada por um impulso estranho, inexplicável. E num gesto de desespero, levei a mão à máscara que lhe escondia o rosto, arrancando-a. E que vi? Nada menos que a fisionomia macerada do velho da pensão. O cavalheiro com quem dançara toda aquela noite não era outro senão o paralisado da pensão, o mesmo que vivia me namorando furtivamente e que há poucas horas atrás me contara a história de sua vida. Mas porque razão não falava? Que é que lhe fizera perder a voz. No entanto, minha surpresa foi tão chocante que comecei a me sentir mal. Minhas forças me abandonaram. Lembro-me de ter procurado apoio na cadeira de vime que se achava perto de mim. E quando recobri alento não vi mais o velho. Encontrava-me só no terraço e tremia de frio.

Tratei, então imediatamente, de voltar para casa. Confesso, porém, que fi-lo tomada de grande pavor. Tinha medo de encontrar-me cara a cara com o ancião.”

— E encontrou-o certamente, interrompi eu, ingenuamente dominado pelo desejo de saber o desfecho.

— Sim, disse Maria das Dores num suspiro. Encontrei-o... na mesma cadeira onde havia deixado ao ir ao baile e na mesma posição... Mas estava morto”.

Março de 1953

O Diário de Guarulhos

Rua Ramos de Azevedo 188

EXPEDIENTE

Telefones: OFINAS E REDAÇÃO
49-1520 — RESIDENCIA 49-1678

Diretor Responsável:
VERO H. SALLES DE LIMA

(Registro: M.T.I.C. N.º 2761 - Redator-chefe)

Representante Autorizado:
Prof. Jocelyn Machado Gomes

Guarulhos 6 de julho de 1973

A direção deste jornal não compartilha opinião esponsada em colaborações assinadas.

AVISO A PRAÇA

Os recibos correspondentes às cobranças de O DIÁRIO DE GUARULHOS, são numerados e assinados pelo seu diretor sr. VERO DE LIMA ou sua esposa dona EULALIA HOSSEPIAN DE LIMA. Não se responsabiliza esta Direção, por pagamentos efetuados a terceiros sem a observância das condições acima, salvo quando com cheques emitidos em nome deste jornal.

O DIÁRIO DE GUARULHOS não tem ligação com nenhum outro jornal. As pessoas autorizadas a fazer uso do seu nome para angariar anúncios e assinaturas são as que constam do expediente